

Com o desemprego, classes A, B e C diminuem; D e E estão crescendo

(Paula Paulenas)

Em tempos de crise, classes A, B e C encolhem enquanto D e E avançam

Os brasileiros das regiões metropolitanas estão empobrecendo desde janeiro, de acordo com um estudo do Centro de Política Social da Fundação Getúlio Vargas (FGV). As classes A, B e C estão diminuindo em quantidade de pessoas, enquanto as classes D e E estão crescendo.

De acordo com o economista Saulo Aristides, da subseção do Dieese do Sindicato dos Metalúrgicos de Guarulhos, este fato é comum quando muitas pessoas perdem seus empregos. "O empobrecimento é um efeito direto do desemprego, que gera uma mudança no perfil das classes sociais".

O estudo da FGV, realizado em seis regiões metropolitanas, demonstra que cerca de 765 mil pessoas tenham caído de classe social, ou da classe B para a classe C, ou da classe C para as classes D e E.

Vendas - No segmento de jóias e semi-jóias, essa transferência de classe social foi sensivelmente percebida, já que a maior parte do seu público é composta por consumidores das classes A, B e C. Para Neuzeli Cavalcante, proprietária da loja Zi Jóias, no centro da cidade, desde outubro para cá, as vendas já caíram mais de 30%. "A diminuição do comércio de jóias já vem caindo há mais de dois anos, quando houve uma enxurrada de produtos importados invadindo nosso mercado. Mas de outubro para cá, a queda foi ainda maior, entre 30 e 40%". A comerciante ressalta que também os revendedores de jóias sofrem com a perda do poder de compra dos clientes. "Os nossos revendedores têm maior dificuldade para vender e para receber o que vendem. E se está difícil para eles, para nós, logistas, é pior ainda".

Para Aristides, a recolocação dos profissionais no mercado de trabalho faz diminuir a massa salarial, o que gera uma redução no consumo populacional. "A pessoa que se recoloca no mercado de trabalho quase nunca recebe a mesma coisa que ganhava antes. O salário de quem conseguiu um emprego novo não equivale à remuneração de quem saiu. Dessa forma, as pessoas vão consumir menos e baixar o seu padrão de vida".

Nos meses de janeiro e fevereiro, Guarulhos registrou um déficit de 1.476 empregos, de acordo com o Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (Caged), divulgado em março pelo Ministério do Trabalho. Apenas no primeiro bimestre do ano, foram contratadas 7.146 pessoas, mas foram demitidas 8.622. Desde o início da crise econômica mundial, em setembro de 2008, o município já demitiu 6.566 pessoas a mais que contratou.